ORNAL DA BAIXADA Nº 6

Cr$ 5,00

CEMAP_JORNAL_DA_BAIXADA_SD_Nº_6

Maria José: moradora da Baixada Fluminense, no Jardim Guandu, Nova Iguaçu, trabalhadora e mãe de família,

BAIXADA

Pobre, atrevido, independente — Nº 6

Leitões da diretora comem a merenda.

Taxa escolar ilegal ainda é cobrada

Pais temem perseguição e não protestam

Menino cheira cola para ficar doidão

CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO E MEMÓRIA DA UNESP CEDEM

Método quebra-galho de ensino

Termina o carnaval e às crianças voltam às aulas. Os problemas que encontram a cada ano ficam mais graves. Os preços dos uniformes, livros, cadernos estão cada vez mais caros. As escolas cobram taxas de Cr$ 250,00, ou até Cr$ 350,00, para a Caixa Escolar quando, por lei, o ensino do 1º grau, além de obrigatório, deve ser gratuito.

O número das crianças cresce a cada ano, mas as escolas continuam as mesmas. Muitos prédios e equipamentos escolares sem condições de uso permanecerão por mais um ano. As crianças maiores são obrigadas a deixar os bancos das escolas para trabalhar em troca de um minguado salário.

A quantidade de professores insuficientes, eles começam o ano sabendo que não haverá condições para desenvolverem um bom trabalho.

Assim é aplicado entre nós o direito de ter acesso ao conhecimento. Nossas crianças, com todas as leis e reformas do ensino, aprendem cada vez menos.

Poucos tem o privilégio de receber um ensino mais adequado.

Para a grande maioria da população, é dado apenas o mínimo de conhecimento, o bastante para não engordar o número de analfabetos. Engana-se o povo que assim tem que se submeter às piores condições de trabalho, salários baixíssimos, sob a alegação de que "não tem instrução".

É grave a situação do ensino em nossa Baixada, um exemplo do que acontece no resto do País. É urgente encontrar uma saída.

QUAL É A DO PATRÃO?

TOMÉ FERRÃO

A inflação brasileira hoje está passando dos limites. O País conseguiu até agora aumentar a produção industrial escorado na inflação. Se não tinha dinheiro, inventava. Com isso, o cruzeiro vai perdendo valor. Recuperar o valor da moeda, só brecando violentamente a economia. As fábricas não expandem a produção, o comércio vende menos, as pessoas compram menos. A redução da produção torna desnecessário para o patrão empregar mais gente. A primeira providência é demitir. O patrão que não tem uma situação financeira sólida se dá mal. Quando ele corre no banco para conseguir mais dinheiro o banqueiro fecha o cofre, e só empresta para quem render mais juros.

Conseqüência imediata: quando o patrão precisa readmitir um trabalhador — não pode mandar todo mundo embora porque senão ele fecha — o salário já não é o mesmo. Esta manobra é antiga. Mas em tempo de recessão a coisa piora: a média dos salários diminui ainda mais. O profissional, até mesmo o operário especializado, fica desvalorizado.

Patrão também não quer recessão. Mas não tem jeito. As pequenas empresas se arrebentam logo porque não têm condições de agüentar os custos sem vender logo a produção. Apertada pela falta de crédito do banqueiro é a primeira a falir. Depois das pequenas e médias empresas nacionais é a vez da grande empresa nacional. Elas ficam menos fortes, perdem terreno na concorrência com a empresa estrangeira. Sempre existe uma multinacional pronta para dar o bote e engolir a empresa nacional. Resultado: a economia brasileira que já é dominada por estrangeiros, leva mais chumbo.

Delfim Netto assumiu o Ministério do Planejamento, substituindo Simonsen, dizendo que o negócio era crescer, pé no acelerador, nada de recessão. Simonsen sempre disse que a recessão era necessária — jamais disse isto em público, ou nos jornais, mas em particular — pois não havia outra saída para controle da inflação. Simonsen não é flor que se cheire, mas dizia uma coisa certa. Delfim é mais político que Simonsen. O gorducho não é atleta, mas tem jogo de cintura, faz jogo prá torcida e catimba do mesmo jeito.

Ele vai transando a recessão de maneira diferente. O que Simonsen queria era lançar uma política de recessão sobre o conjunto do País, em todos os setores, ao mesmo tempo. E na marra. Delfim dribla com outro estilo. Ele vai jogando a recessão de setor em setor, um por um. Quem começa a chiar são os fabricantes de equipamentos de usinas siderúrgicas, de equipamentos pesados para novas fábricas, que não têm mais encomendas. É um sinal claro que o País está parando de investir. Depois é a construção civil.

E aí vem mutreta. Em 1973, Delfim Netto era o Ministro do Fazenda do Governo Médici e mentiu sobre o índice salarial. Trabalhador levou ferro porque a inflação em 73 foi muito maior do que os índices oficialmente anunciados pelo Ministério da Fazenda. Agora ele vai esconder os números do crescimento do País. O Brasil vem crescendo a uma taxa de 6% ao ano, mais ou menos. É um número fantástico. Isto indica tudo que o País produziu a mais de um ano para outro. Pois bem. Se o País crescer a 2 ou 3%, sai de baixo. Tecnicamente, um número desses ainda não é o que os economistas chamam de recessão — mas no caso brasileiro, é recessão no duro. Este número mostra que a economia não é capaz de absorver os novos trabalhadores que estariam desempregados: são mais de 1 milhão e 500 mil pessoas por ano. Vamos ter mais gente desempregada, salários mais baixos, mais violência, mais assaltos. Se a barra está pesada, vai pesar ainda mais.

Mais uma picaretagem do Queiroz

Ruy Queirós, prefeito de Nova Iguaçu, está pensando que as audiências com os representantes dos bairros, às quintas-feiras, são um favor. É bom que o prefeito se lembre que este foi o compromisso assumido com os integrantes do Movimento Amigos dos Bairros (MAB), depois da Assembléia de 1978, na presença de centenas de pessoas.

As coisas não andam bem nessas audiências. Primeiro, elas foram marcadas para as quintas-feiras. Agora, passaram para as sextas-feiras. Mas o problema é que os funcionários e assessores do prefeito Ruy Queirós agem assim: atendem mal aos representantes dos bairros e favorecem os protegidos de políticos amigos do prefeito. Os representantes das associações não conseguem nem descobrir onde estão os processos com seus pedidos. Mas os afilhados do prefeito e de seus amigos conseguem manilhas, postes, asfalto, canos de água e outros melhoramentos, sem dificuldades. Não tem burocracia para eles. Só para o pessoal dos Amigos dos Bairros.

Estamos de olho, Ruy Queirós. De olho vivo.

AGORA ESCREVO EU

Ao Jornal da Baixada.

Sou morador e leitor do Jornal da Baixada.

Na localidade de Jardim Bom Pastor aconteceu um caso típico. No dia 30 de novembro de 1979 houve um assalto a mão armada por cinco elementos. Logo após o assalto desapareceram misteriosamente. Um grupo de pessoas do bairro se organizaram e começaram a caçar os marginais. Todos os suspeitos tomavam uma geral em toda parte do corpo. Foi aí que dois rapazes que estavam ali a serviço e se dirigiam para o ponto de ônibus foram cercados, encurralados e acusados de suspeitos. Os dois rapazes estavam inocentes, tranqüilos, e explicaram que nada tinham com aquilo. Por fim, os dois conseguiram se safar daquilo, pegaram o ônibus e foram para São João. Quando chegaram no ponto final, lá estavam outro grupo de "caçadores". Mais uma vez revistaram os dois rapazes, agora na presença de um policial. Depois que conseguiram provar inocência, foram alertados para tomarem muito cuidado porque existiam mais três carros a sua procura.

Os rapazes contam que o maior medo deles era que no grupo de "caçadores" ninguém era polícia, nem mostrava nenhum documento.

Milton Macalé

OLHO VIVO EDITORA

JORNAL DA BAIXADA

Uma publicação da Olho Vivo Editora Ltda.
Av. N.S. das Graças, 138/305 — S.J. de Meriti

CGC: 30.607.519/0001-01
Tiragem: 5.000 exemplares
Editor: Alceu Nogueira da Gama
Diagramação: Caco Appel
Colaboração de Demasi e Pimentel

Capa: Desenho de Luscar
Fotos: Job e Carlos A.O. da Silva

Composto e Impresso na Gráfica Editora JORNAL DO COMÉRCIO,
Rua do Livramento, 189. Tel. 223-2613.

CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO E MEMÓRIA DA UNESP CEDEM

Se todos fossem iguais a você...

Maria José: moradora da Baixada Fluminense, no Jardim Guandu, Nova Iguaçu, trabalhadora e mãe de família, ainda encontra tempo para lutar por uma vida melhor nos bairros. Ela é uma das fundadoras do Movimento Amigos de Bairros de Nova Iguaçu. Hoje Maria José também é conhecida e respeitada por seu trabalho na Pastoral Operária. Aqui, Maria José conta um pouco de sua vida e de suas lutas.

Job: Gostaríamos de saber como foi o começo de seu trabalho no bairro, e a relação dele com o Movimento Amigos de Bairro de Nova Iguaçu. Fale um pouco de você.

Maria José: Sou capixaba. Vim para o Rio com doze anos de idade, em 1948, trabalhar como empregada doméstica. Aos quinze anos voltei à minha terra e lá me casei. Meu marido trabalhava na roça como lavrador. Mas nós vimos que não dava pois éramos muito explorados pelos fazendeiros. Principalmente por causa do problema do café, que era em que trabalhava meu marido. Voltamos para o Rio. Eu voltei a trabalhar como doméstica. Meu marido foi trabalhar como servente de pedreiro, porque ele não tinha profissão. Depois vieram os filhos. Não deu mais para eu trabalhar. Fomos morar numa favela em Santa Tereza, no morro da Coroa. Nesta favela fizemos um trabalho de comunidade em associações de bairros.

Job: Como foi que você veio morar no Jardim Guandú?

Maria José: É que eu entrei para uma firma de venda de imóveis. Trabalho lá até hoje. Começei a vender terrenos em Guandu. Achei que poderíamos comprar um terreno lá para construirmos nossa própria casa. Comecei a construir sem comprar o terreno — como eu trabalhava na firma, permitiram. Aí transferimos o pequeno comércio que o meu marido tinha para cá. Naquela época não existia nada por aqui, apenas a terra. Eram poucos moradores e nas ruas só tinha capim.

Job: E como foi que se começou a movimentar o bairro?

Maria José: Sentimos necessidade de construir uma igreja. Já que a companhia havia doado dois lotes, aproveitamos para fazer a campanha da construção da igreja. A primeira atividade que fizemos no bairro foi uma quadrilha. Montamos um barraco no terreno e aí começamos a fazer as nossas festas. Fizemos um bloco de carnaval e iniciamos a construção da igreja. O pessoal se interessou muito. Hoje, a igreja está quase pronta. E através deste movimento surgiu a necessidade de se fazer alguma coisa para melhorar a condição de vida do pessoal do bairro, principalmente por causa do problema da água. Não tínhamos água. O que o pessoal tinha para beber era água misturada com esgoto. Tivemos vários casos de hepatite. Então o pessoal sentiu necessidade de fazer alguma coisa para que nós pudéssemos ter água de bica. Pensamos em formar uma associação de bairro em 1976. Aí foi surgindo mais gente e o pessoal foi se associando.

Job: Começou assim?

Maria José: Não, antes fizemos um abaixo assinado, em 1973, no ponto de água. O conjunto vizinho ao nosso tinha água. No Departamento de Águas nos disseram que não podiam dar água para o Estado do Rio, só para a Guanabara e que não tínhamos um órgão responsável. Nós teríamos que criar esse órgão para acompanhar o processo. Como já tínhamos outros movimentos como o bloco de carnaval e a igreja, não foi difícil conseguir sócios para dar entrada na papelada. Neste meio tempo, o pessoal ia pagando uma taxa de Cr$ 50,00 para entrar como sócio. Quando já estávamos preparando o estatuto para ser registrado, houve um problema porque um dos moradores me denunciou.

Job: Denunciou por quê?

Maria José: Dizendo que eu fazia reuniões clandestinas, subversivas. Deu parte na Marinha. Fui chamada para depor. Lá na Marinha provei com documentos que estávamos procurando melhorias para o bairro, criando uma associação de bairro. Não tinha nada a ver com as denúncias que fizeram. Me liberaram e continuamos o nosso trabalho. Conseguimos uma base de 100 sócios, fizemos um requerimento e demos entrada na CEDAE (Companhia Estadual de Águas e Esgotos). O primeiro requerimento desapareceu lá. Fizemos o segundo. Apesar de ter sido aprovado, um funcionário disse que não tinha condições de botar água. Aqui não tinha material, a adutora ainda não havia sido planejada. Com a união dos moradores, conseguimos comprar a água sem a permissão da CEDAE. Mas depois de 20 dias, eles cortaram. Nossa associação é composta por 5 bairros com média de 500 sócios. Resolvemos levar o nosso pedido até o governador Faria Lima. Ele prometeu religar nossa água em 24 horas, e nos dar uma rede. A água foi religada e nossa rede foi para a rua. Com isto, a associação cresceu, o pessoal tomou força e fomos lutando por outros tipos de melhoramentos.

Job: E quando vocês se uniram ao Movimento Amigos de Bairros?

Maria José — O MAB começou em 76, no Parque Flora, Camarim. Nós fomos procurados por uma comissão deste grupo e achamos que deviamos formar o movimento. Começamos a nos unir, em 78 já estávamos com 34 bairros. O movimento foi crescendo e o pessoal descobrindo que os políticos não faziam nada, que os bairros pagavam impostos e que nada recebiam da prefeitura. Isto foi criando uma revolta muito grande nesse pessoal e foi com esta revolta que nos prontificamos a fazer aquela assembléia onde compareceram 800 pessoas em 1978, em Moquetá. O prefeito não foi a essa assembléia porque disse que tinha que ir a Brasília. Mandou um representante seu, o Secretário de Obras Públicas. A partir dessa assembléia conseguimos que todas as quintas-feiras alguém da Prefeitura estivesse pronto para nos receber. Mas são sempre as mesmas mentiras, as mesmas promessas que não cumprem. Diante dessa situação, fizemos a assembléia dos três mil, em julho de 1979. Exigimos um plano de recursos da Prefeitura para a gente saber direitinho onde e como a Prefeitura pensava fazer os melhoramentos que tínhamos pedido. Na última audiência, o prefeito marcou para janeiro entregar o plano de recursos do governo.

Job: Foi nessa Assembléia que falaram do problema da taxa escolar, não é?

Maria José: Foi. O secretário de Educação Arnaldo Niskier disse que a taxa escolar não era obrigatória. Se a diretoria obrigasse a pagar, deveria ser denunciada pelos Amigos do Bairro. Mas só que até agora a taxa escolar continua a ser cobrada. Houve muito protesto nessa assembléia, o pessoal estava muito revoltado. O prefeito foi vaiado. A culpa foi toda do prefeito. Se ele tivesse cumprido o que prometeu nada disto aconteceria. Ele teria sido até aplaudido pelo povo.

Job: Você tem 5 filhos, não é? Como foi que conseguiu coordenar seus trabalhos junto com a população e as exigências de seus filhos?

Maria José: Todo mundo sabe que é difícil coordenar casa, filho e família e coordenar um trabalho de comunidade. Eu tenho também meu trabalho fora.

Tenho me desdobrado, me dividido por 10. É tanta luta que a gente tem, tantos problemas. Por exemplo, a incompreensão do povo, que a gente precisa estar explicando que esta luta é mesmo difícil. É preciso calma e paciência para explicar que a luta é mesmo assim. Mas quem está na batalha, sabe que a gente não pode parar. Se eu for cuidar só da minha casa, as outras coisas ficam pendentes. Se cuidar só das outras coisas, minha casa fica pendente. Temos que nos dividir para contornar uma coisa e outra.

Job: Os vizinhos sempre ajudam a desenvolver esse trabalho?

Maria José: Se não fosse a grande ajuda de todos, não teríamos conseguido o que temos hoje. Agora, por exemplo, estamos construindo um posto médico e policial. A laje já está quase pronta, e a nova sede da associação também. Tudo com ajuda do pessoal. Uns conseguem mão-de-obra, outros ajudam com dinheiro do pedreiro. Está tudo sendo feito pelo povo.

Job: Você podia falar um pouco sobre a sua atuação na Pastoral Operária?

Maria José: Participo na Pastoral desde que vim para Nova Iguaçu. É um trabalho que fazemos exclusivamente com os operários, de luta contra as injustiças que sofrem esses trabalhadores. O trabalho consiste em promover o operário, em descobrir o seu valor como homem que é, conseguir melhores condições de vida, melhor salário.

Job: E como você vê essa sua participação nesses dois trabalhos?

Maria José: Para mim as duas coisas formam uma coisa só. Uma luta por melhores condições de vida no bairro, e outra luta por melhor salário. Essas duas coisas estão unidas. É uma luta por uma coisa muito inteira, uma vida melhor em todos os sentidos.

CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO E MEMÓRIA DA UNESP CEDEM

Coitadas das crianças

Começam as aulas na baixada

Criança passa por debaixo da roleta do ônibus: é pisada. Garoto vende picolé: é roubado. Menino deixa de estudar: os pais não podem pagar a taxa escolar, nem comprar o uniforme completo. Menina passa o dia inteiro fechada na casa de quarto e cozinha: a mãe foi trabalhar e não tinha com quem deixá-la. Tudo isso e mais acontece todos os dias na Baixada Fluminense. As crianças aqui sofrem, sem dó nem piedade, as conseqüências do baixo salário dos pais e das péssimas condições de vida dos municípios.

Está começando agora um novo ano escolar mas as dificuldades que esperam as criaças não são nem um pouco novas. A falta de escolas nos bairros, a alto preço do material escolar, o desvio da merenda para ser vendida na cantina, as salas superlotadas de crianças, os professores mal remunerados e a injusta taxa escolar, são apenas alguns dos problemas que as crianças da Baixada encaram de novo quando voltam às aulas. Isso quando voltam. Porque muitas vão parar de estudar este ano porque precisam trabalhar.

Carona, poça de lama

O primeiro problema que a criança enfrenta é a falta de escolas no bairro. É obrigada a estudar a vários quilômetros de distância de sua casa. Existem crianças que caminham mais de uma hora, atravessando charcos e morros desertos até chegar à escola onde conseguiram vagas. É comum também encontrar grupos de alunos pelas ruas pedindo carona. Nem sempre os pais têm dinheiro suficiente para comprar passagem. Às vezes o dinheiro só dá para a passagem de um filho e os outros têm que passar por baixo da roleta, se arrastando, arriscando-se a serem pisados, empurrados ou humilhados pelo cobrador.

Terezinha Lopes, professora há mais de 23 anos lidando com crianças, diz:

— "Hoje, no nosso bairro, Jardim Gláucia, temos uma escola municipal e uma escola estadual. Mas isso foi porque o povo do bairro lutou muito até conseguir essas duas escolas. Bairros vizinhos aos nossos, como o Parque São Bento, o Jardim Liberal, Silvana, Santa Verônica, Parque São José, Sítio Real não têm escolas. As crianças precisam pegar condução para irem estudar em São João ou Caxias."

A luta por escolas no Jardim Gláucia começou na casa de Dona Terezinha onde funcionou a primeira escola do bairro.

— "É que na maior parte dos loteamentos as crianças nascem e crecem sem ter nenhuma escola. Aí as pessoas vão improvisando, apertando as autoridades, vão lutando. Algumas crianças esperam 10 ou 12 anos para conseguir uma escola. E enquanto não conseguem começam a estudar nas escolinhas que a gente chama de "escolinhas de quintais". Ali, as pessoas que têm jeito gostam de crianças e querem ganhar um trocado, começam a dar aulas. Com o crescimento do Jardim Gláucia, as pessoas perceberam que tinham que lutar por uma escola, se unir e pressionar as autoridades. Foi assim que conseguiram duas escolas."

MATEMÁTICA NA RUA

Os problemas não terminam quando se consegue uma escola para o bairro. Terezinha Lopes conta o que significa hoje para os pais a freqüência dos filhos nas aulas:

— "A escola hoje não é mais aquela instituição que funcionava como um alívio, uma esperança. Com os obstáculos todos que existem hoje a escola se tornou também um órgão de opressão, um lugar onde os pais se sentem assim com o pé atrás: "É mais dinheiro que vou ter que gastar", dizem eles. "Estou sendo explorado... Não há dinheiro que chege..."

E aí começam os problemas da evasão escolar: crianças que por vários motivos abandonam ou são obrigadas abandonar a escola. Um dos casos mais comuns é o da criança que vai crescendo e precisa trabalhar. Param de estudar para vender picolé, amendoim, ser empregada doméstica, babá.

Antonio Carlos Marinho, de 11 anos, mora no Lote XV, Nova Iguaçú. É aluno da Escola Grupo Escolar Pedro Alvares Cabral. Ele é o único que estuda em sua família. Os pais não têm dinheiro para mandar os outros irmãos à escola. Antonio Carlos vende picolé.

— "Só que o dinheiro é pouco, não dá pra nada. Ganho 100 cruzeiros aos sábados e domingos. Durante a semana não ganho nada. Eu vendia picolé em São João perto das Casas Sendas. Mas parei de vender lá porque uns pivetes me bateram e tomaram meu picolé. Agora eu só vendo perto da minha casa."

José Francisco, de 12 anos, morador de Caxias, também é outro que vai aumentar as estatísticas da evasão escolar. Como 12 irmãos, ele vende cuscuz perto das Casas Sendas, em São João. Por enquanto José Francisco ainda estruda, embora falte muito a escola porque trabalha de noite e fica na rua até a hora em que o pai, vendedor de cocada, balas e miudezas, vai embora. Os problemas de José Francisco, atualmente, não são os de matemática. É a barra pesada da rua:

— "Aqui é uma barra, viu? São mais os pequenos, os pivetes. Eles vêm de turma, uns 3 ou 4 e roubam mesmo. Nem adianta correr. Mas o que eu não gosto é do cheiro deles quando passam: é cheiro de cola de sapato pra ficar doidão".

Os pivetes compraram latas de cola e cheiram pequenas quantidades. É uma forma barata de ficar drogado, e também, enganar a fome.

Taxa e mêdo

Um dos grandes motivos da evasão atualmente é a taxa escolar. Conta uma dona de casa:

— "A gente fica apavorada quando sabe que se não matricular os filhos vem multa encima. Mas quando a gente chega na escola e vê o preço da taxa que é preciso pagar, não dá mesmo. Quem tem 4 filhos, como eu, bota dois e tira dois. Deixa os menorzinhos esperar mais até os maiores começarem a trabalhar. E é assim: estuda uma parte primeiro, depois estuda a outra parte."

O curioso é que a taxa escolar foi criada com a intenção de ajudar o aluno, mas logo tomou outro rumo. Dona Terezinha explica:

"No começo, só pagava a taxa quem pudesse. Era para ajudar quem não tinha condições de comprar uniforme e material. Além disso, se fazia também uma campanha para melhorar a merenda que naquele tempo era muito ruim. Mas em 75 essa taxa escolar municipal foi transformada em Fundo Municipal de Educação. A taxa antes era de 20 ou 30 cruzeiros e passou para 156 cruzeiros, que era a metade do salário-mínimo na época. Houve uma revolta muito grande dos pais. Uma parte desse dinheiro (40%) ia para o fundo e 60% para a escola. Teóricamente, a parte que ia para o Fundo deveria servir para ajudar as escolas mais pobres, em pequenas obras necessárias. Mas na prática, este Fundo Municipal de Educação é usado no pagamento de funções gratificadas para os funcionários da prefeitura. É um absurdo tirarem dinheiro dos pais para pagarem funcionários da prefeitura. Isto mostra como os pais cada vêz mais estão arcando com uma responsabllidade que é do poder público".

Os pais se revoltam mas não reclamam porque têm medo dos filhos serem perseguidos, humilhados e perderem a vaga na escola.

— "A taxa escolar é um tormento na vida das pessoas — diz uma mãe. Hoje a taxa é de 250 cruzeiros em Nova Iguaçu. Em Caxias, tem escola cobrando 350 cruzeiros."

Dona Terezinha continua:

— "Os pais fazem tudo para pagar porque não querem ver os filhos humilhados. Eles acabam aceitando isto porque não têm visão do que é um direito deles. E a taxa escolar que seria uma forma de ajudar, se torna uma forma de opressão muito desonesta e que só existe na Baixada. As crianças da Zona Sul, no Rio, têm merenda muito melhor, têm escolas bonitas e não precisam pagar esta quantia absurda de taxa escolar. Quanto mais pobre a criança mais oprimida e mais facilmente enganada. Os pais não conhecem seus direitos e têm medo da autoridade. Têm medo da diretora porque ela grita, ameaça. Os pais ficam sem saber o que fazer."

Taxa escolar já é um problema antigo na Baixada. Em Nova Iguaçu o Movimento Amigos dos Bairros vem lutando contra essa cobrança. Conseguiu, em julho de 1979, que o Prefeito Ruy Queiroz publicamente dissesse que a taxa **não** era obrigatória. O Secretário da Educação distribuiu nota avisando aos pais que não pudessem pagar deveriam assinar uma folha de isenção. Ainda que algumas escolas já estejam cumprindo essa determinação legal, esclarecendo que a taxa não é obrigatória, muitas outras escolas continuam pressionando os pais. Dona Terezinha acha que a única solução para o problema é a atuação dos pais.

— "Enquanto várias escolas ainda estiverem cobrando esta taxa, a luta tem que continuar e ser ainda maior. Os pais precisam assumir o papel de fiscais, fazendo valer a declaração do Prefeito. E isto depende da gente, de como conscientizar os pais porque eles têm muito medo dos filhos serem prejudicados. Há muita insegurança."

Cantina e chiqueiro

Merenda é outro problema sério. É opinião geral que a merenda melhorou muito de uns tempos para cá. Infelizmente, a qualidade da merenda depende muito de cada escola. Há pouco tempo foi muito comentado na Baixada o caso de uma escola no Jardim Gláucia onde a diretora criava porcos. Ela mandava fazer uma comida sem tempero para sobrar muita lavagem para seus leitões.

O que acontece muito é o desvio de parte da merenda para ser vendida na cantina. Mães do Calundu estão denunciando que a diretora da escola do bairro mandou servir feijão com farinha para as crianças, dizendo que ia devolver as cem latas de dobradinha e arroz guardadas na despensa. Mas a inspetora da merenda impediu:

— "De jeito nenhum, disse ela. A merenda é para ser dada para as crianças e não para ser devolvida."

Dona Terezinha chama a atenção para estes fatos:

"Isto é para que os pais vejam como é preciso estarem atentos e se organizarem para exigir aquilo que é direito deles e de seus filhos. Sem pensar que estão ganhando um favor. Porque a merenda tem que ser fiscalizada e controlada com prestação de contas."

Pisei no pé

Completando o quadro, existe ainda a situação precária do professor. Ganhando péssimos salários — lembram-se das duas greves realizadas no ano passado? — o professor é obrigado a se virar para sobreviver. Muitas vezes ele não tem condições materiais de preparar boas aulas. Falta material, falta tempo, falta estímulo. E acaba também faltando a paciência com as crianças: e muitas vezes é sobre elas que se descarrega a revolta do dia-a-dia pelas péssimas condições de trabalho. José Ricardo, de 12 anos, mora em São João. Ele conta:

— "Gosto muito de estudar mas a minha professora não gosta de mim. Vive ralhando. Eu fui suspenso da escola porque briguei com um colega e a professora me deu um cascudo. Aí eu fui e pisei no pé dela."

CEDEM

DONA RITA

BURACO MAIS EMBAIXO A Dona Marocas, minha vizinha aqui do lado, me contou uma história que seria muito engraçada se não fosse a situação triste em que a gente vive. Bem no centro do bairro do Éden, havia um enorme buraco cheio de água, que, se não se tratasse de uma região pobre, os moradores poderiam até achar que era o metrô chegando por lá. Antes que o tal buraco completasse aniversário, o pessoal resolveu fazer um boneco com uma vara de pescar na mão e colocou ele no buraco junto com um cartaz: "os moradores do Éden agradecem ao prefeito Celestino Cabral a piscina doada ao bairro". Não demorou muito a surgir uma providência. No dia seguinte, a piscina...digo... o buraco estava consertado.

• **UMA ELEIÇÃO VEM ATRÁS DA OUTRA** Mas sorte igual não tiveram os moradores da rua Santana, em São João de Meriti, no centro. Outro dia fui visitar a minha comadre, a dona Filhinha, e vi o estado lastimável da rua que continua sem calçamento, esgoto, iluminaçao, etc. (Bota etc. nisso). Teve até um morador que, dizendo-se influente na prefeitura, tentou reinvidicar os melhoramentos para a rua. Sabem qual foi a resposta? "Se os moradores contribuirem com uma certa quantia, nós mandaremos calçar a rua". E sabem qual era essa "certa" quantia? 35.000,00!! Mas não tem nada, não. Minha avó Filomena é quem tinha razão, quando dizia que "nada como uma eleição atrás da outra". Ouviu, prefeito?

ESCOLA DE ESCOLADOS — Mas o pessoal da rua Santana não deve esmorecer. Minha prima Marilda e o seus amigos de Cabuçu, Nova Iguaçu, conseguiram uma grande vitória usando organização e determinação, coisa que não pode faltar aos oprimidos como a gente. A prefeitura derrubou a única escola que havia por lá, prometendo construtir outra. O tempo passou, e nada. Mas o Movimento de Amigos do Bairro, de Nova Iguaçu, comprou a briga, e já saiu publicado no Boletim da Prefeitura o edital para a construção da nova escola. Pois é, com gente escolada, não se pode dormir de touca.

NENHUM PREFEITO É PERFEITO — Que o digam os moradores de Santo Elias, em Mesquita. Para eles, o prefeito vai ter que levar muito boicote nas urnas. Não é que eles vivem consertando as ruas do bairro por onde passam os ônibus da Viação Sta. Eugênia, que faz a linha Vila Emil-Nova Iguaçu, a única que serve ao bairro? Após estragarem a rua Nestor, os ônibus, por conta própria, mudaram o itinerário e começaram a passar pela rua Procópio. Estragaram a rua Procópio e passaram a trafegar pela rua Joséfina. Para encurtar o assunto, no dia 17 de janeiro, os moradores se reuniram e impediram que os ônibus trafegassem por essa rua, pois eles haviam consertado a mesma há pouco tempo. Houve discussão, bate-boca e até mesmo apedrejamento de ônibus. No final, todos (moradores e motoristas) chegaram à única conclusão possível: a culpa é da dita... ou seja... da Prefeitura.

* **A UNIÃO EM MUTIRÃO** — Gostei de ver a determinação dos moradores do Conjunto Azul, de São João de Meriti. Como eram péssimas as condições de urbanização do conjunto (onde, por sinal, mora o meu afilhado Didi), o pessoal fez uma reunião na pracinha e resolveu determinar uma quantia por mês a ser paga por cada um. Nos finais de semana, os moradores constróem calçadas, colocam quebra-molas, desentopem esgotos etc. Se dependerem de alguma ajuda oficial, talvez nem mesmo no dia do juízo final.

* **ESTÁ ANOTADO NA MINHA AGENDA** — No dia 13/1/80, houve uma reunião na Associação Prómelhoramentos de Gramacho, que contou com a presença de dez bairros: Saracuruna, Bairro das Graças, 21 de Abril, Jardim Primavera, Gramacho, Vila Leopoldina IV, Vila Ideal, Dique (Av. Teixeira de Mendes), Bom Retiro, Campos Elíseos e também o pessoal da Coordenação do Movimento Amigos do Bairro de Nova Iguaçu. Como os problemas são sempre os mesmos (falta d'água, esgotos, asfalto, poucas escolas, posse de terras, etc), a melhor solução é essa mesma: a união! Já no dia 3 de fevereiro, na segunda reunião, estavam presente mais quatro bairros: Vila Operária, Prainha, Parque Fluminense e Pilar.

— Nos dias 5 e 6 de abril, vai ser realizada a "1ª Feira da Amizade da Vila São José", no horário das 16 às 23 horas. Para ajudar essa promoção, outras programações estão sendo realizadas. No dia 27/2, houve um delicioso almoço na casa da dona Léia, em benefício da barraca "Villa São João". No dia 3/2, uma excursão a Porto das Caixas, em benefício da barraca "Sumaré"; no dia 24/2, um angu para a barraca "Venda Velha", e, no dia 2/3, uma excursão a São Pedro da Aldeia para a barraca "Vilar dos Teles".

— No dia 6/1, foi realizado um encontro entre moradores a representantes da Associação de São João de Meriti, na Igrejinha do bairro Sumaré. Conforme pude perceber, havia reprtesentantes dos bairros do Sumaré, Vila São José, Vila São João, Trevo, Parque José Bonifácio e o grupo de teatro "Caminhando", de Vila Rosali.

O objetivo principal do encontro foi a troca de experiências entre os bairros pela luta por melhores condições de vida, além da ajuda mútua para fortalecer o movimento de ação de cada bairro.

É de gente assim que eu gosto. Por falar nisso, vou ter que encerrar por aqui. Está na hora de eu dar a minha voltinha por aí para ver o que está acontecendo. Como sempre, as minhas comadres devem ter muitas coisas para me falar. Depois eu conto para vocês.

BAIXO ASTRAL

Professor Dementel

O Jornal da Baixada deu uma paradinha, ficou três meses fora do ar. Isso aconteceu por vários motivos. Um deles é a falta de motivo que esses dias agitados costumam trazer. Maior baixo-astral na redação. Férias, sufoco, dureza, pluripartidarismo, abertura. Mas isso não podia continuar. Convoquei os astros que, pegaram as bolas, mexeram os pauzinhos e fizeram questão absoluta que esta edição fosse dedicada às crianças, abandonadas e não (tanto) abandonadas, que vão à escola ou que vão à luta.

LIVROS E CADERNOS

(para os nascidos de A a Z)

Some os preços dos livros, cadernos, lápis, borrachas, multiplique pelo número de irmãos estudantes que você tem, subtraia esse valor do salário do papai e veja o saldo que dá. Viu?! Não dá...

MERENDA ESCOLAR
(PARA OS NASCIDOS NOS ANOS DE SUFOCO; QUE ESTÃO HOJE EM IDADE DE IR À ESCOLA)

Cuidado, merendeiro, não se afaste da merendeira. A merenda é pouca, apesar da verba ser muita. Portanto, agarre-se a ela com unhas e dentes, antes que algum aventureiro, ou prefeito, ou secretários, ou coordenadora de ensino lance mão da verba destinada.

TELEVISÃO
(PARA OS NASCIDOS ENTRE VÍDEO E IMAGEM)

Você está pálido, televisado? Nervoso, com dificuldade de raciocínio? É natural. Não adianta se desesperar, nem mudar de canal. Procure se ligar um pouco daqui pra frente nos livros, revistas, jornais, boletins dos sindicatos do papai e da mamãe. Sintonize com grupos de jovens, amigos, deixe o aparelho que os astros desligam.

ROUPA

(para os nascidos nus)

A farda (escolar!) é um bom negócio. Economiza roupa e identifica o cidadão. Se todos os corruptos, ministros de Estado, deputados mudos e prefeitos desonestos usassem farda, seria bem mais fácil identificá-los nas ruas ou nos esgotos.

CONDUÇÃO
(para os nascidos entre Baixada e Baixada)

Tá difícil, meu caro conduzido. Você nunca sabe quanto pôr no bolso para a passagem, uma vez que na ida para a escola paga um preço, na volta paga dois. Procure andar a pé, mesmo correndo o risco de chegar na escola só de meia e pastinha.

CARTINHA

Prof. Dementel: qual o futuro do menor abandonado? (menor DDF)

— Em certos países justos e civilizados por aí, D. D. F., o abandono não assusta a ninguém, pois o menor é visto com respeito e atenção pelos detentores do poder. Aqui, a coisa é mais prática. Quando o menor abandonado cresce, a polícia toma conta.

CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO E MEMÓRIA DA UNESP CEDEM

Socorro! Médico dá ponto com linha de soltar pipa

Doze bairros de Duque de Caxias se reuniram no dia 3 de fevereiro passado para discutir os problemas comuns do município. É a continuação da série de encontros que havia começado no mês anterior e que deve continuar para coordenar ações comuns em defesa dos interesses das comunidades.

A nota mais importante da reunião do dia 3 foi a presença de médicos, enfermeiros e auxiliares dos serviços médicos dos hospitais de Duque de Caxias, que estão em campanha para conseguir melhorias salariais e melhores condições de atendimento ao público. O pessoal dos serviços médicos explicou aos moradores as condições de trabalho que tornavam impossível um bom atendimento ao público.

Segundo o pessoal médico, falta toda espécie de material para o trabalho. Algodão, gase, fios para sutura, esparadrapos, aparelhos para medir pressão, estetoscópios, termômetros e outros materiais. É tudo improvisado, provocando riscos para os pacientes. Os fios para sutura são substituídos por linha nº 10, de soltar pipa, os termômetros são comprados pelos próprios enfermeiros. Acontecem também coisas mais graves, como a utilização de tubos de caneta esferográfica como sondas.

As enfermeiras do Hospital Infantil descreveram as condições em que trabalham. Elas cuidam de 4 ou 5 enfermarias sem isolamento, o que possibilita a transmissão de infecções entre as doenças.

Os médicos disseram que o povo tinha toda razão em reclamar da má qualidade do atendimento de saúde no município. Eles apóiam os representantes dos bairros e solidarizam-se com as suas lutas.

A presença do pessoal de saúde na reunião com os representantes de doze bairros teve repercussões imediatas. O prefeito nomeado de Caxias, coronel Américo Bastos, se apressou em atender parcialmente as reivindicações, tanto no nível salarial quanto nas condições de trabalho e atendimento dos doentes. Outro resultado da denúncia foi a demissão do diretor do Hospital de Caxias. Os médicos garantem que a responsabilidade mais imediata é do doutor Sebastião Soares, Secretário Municipal de Saúde. Ele é quem deveria ser demitido.

Amigo de Bairro cresce e aparece

O Movimento dos Amigos de Bairros (MAB), de Nova Iguaçu, é uma das organizações populares que mais cresceram em 1979, ampliando o número de seus participantes e das associações de bairros a ele filiados. Organizado no final do ano de 1978, o Movimento dos Amigos de Bairros tinham 26 associações afiliadas. Um ano depois, no começo de 1980, são 96 associações agrupadas no MAB.

Este crescimento exigiu maior atividade da Coordenação do Movimento, que teve então de ser ampliada de 13 para 19 membros. A eleição foi feita pelos representantes das diferentes associações que constituem o Conselho do Movimento dos Amigos de Bairros. São 67 conselheiros, pois 29 bairros ainda não elegeram seus representantes para este órgão do MAB. O mandato da nova Coordenação é de um ano. A posse deu-se imediatamente após a eleição.

Lino Camarão, um dos membros da Coordenação, reeleito, definiu as tarefas imediatas do movimento: — O mais importante agora é dar atenção aos bairros, isto é, fortalecer as bases do movimento. O MAB será invencível quando os bairros estiverem fortes e bem organizados.

Prefeito só quer saber de frescura

Em Nova Iguaçu, o Prefeito Ruy Queirós acaba de inaugurar um novo e luxuoso prédio para a prefeitura municipal. Nova Iguaçu é o 7º município em população do Brasil e o 255º em saneamento básico, um dos mais atrasados do País em serviços de água e esgotos. Bairros abandonados, sem segurança, mais de 150 mil crianças sem escolas, sem hospitais municipais, sem áreas de lazer e com um péssimo serviço de transportes. Não tem conforto para seus moradores. E o prefeito despacha em gabinete com ar condicionado, sem se preocupar com o que é importante.

A população de Nova Iguaçu, convidada pelo MAB, protestou contra a nova sede da Prefeitura.

O Movimento Amigos de Bairro e o povo de Nova Iguaçu estiveram presentes na inauguração. Ali já encontrava um forte aparato policial. O prefeito esperava um bando de desordeiros para assistir à festa da inauguração. E quem compareceu, em silêncio e sem bagunça protestou contra o abuso que estava acontecendo. As faixas levadas pelos moradores dos bairros falavam da revolta que todos sentiam. Frases comos estas: "Do conforto da Prefeitura para o Desconforto dos Bairros"; "Os Bairros sofrem com o luxo desta obra"; "Se 21 anos é maioridade, Santo Elias em abandono é majestade."

Os assessores e a segurança do prefeito tentaram censurar as faixas. Conseguiram até rasgar algumas. Não reprimiram mais porque a televisão estava filmando. Eles tiveram medo de que o luxuoso piquenique do prefeito virasse notícia ruim.

No final do discurso, o prefeito Ruy Queirós "convidou o povo" para visitar a nova sede da prefeitura. Mas os integrantes do MAB (Movimento Amigos dos Bairros) enrolaram as faixas e foram embora, silenciosamente, encerrando o protesto.

ADVOCACIA EM GERAL
Dr. Pierre François
Av. Brás de Pina, 38/208 B — Penha
Tel. 270-4344.

DANIEL DE ARAÚJO
AUTO ESCOLA
— MATRIZ —
Av. Pres. Kennedy, 2257
Tel: 771-7901
Centro — D. Caxias — RJ
— FILIAL —
Av. Mineira, 380 — Loja 1 —
TEL. 756-0412
Vila Rosali — S. J. Meriti-RJ

SERVE-BEM DROGARIA LIMITADA
VARIADO ESTOQUE DE MEDICAMENTOS E PERFUMARIAS
AVENIDA DE CAXIAS, 89 - CENTRO
Tel. 771-7074

JORNAL DA BAIXADA
CUPOM DE ASSINATURA

— Assinatura por 12 edições: 150,00
— Envie cheque nominal ou vale postal para:

Editora Olho Vivo Ltda.
Av. N.S. das Graças, 138,305 — S.J. de Meriti

Nome: .....

Profissão: .....

Endereço: .....

CEP:..... Cidade:..... Estado: .....

Delma vende o pão que o capeta amassou

Dona Delma, balconista da Padaria Estoril, no bairro Eden, de São João de Meriti, é testemunha das dificuldades que os comerciários sofrem na Baixada Fluminense. Ela trabalha oito horas por dia, todos os dias, domingos e feriados. Só tem folga de 15 em 15 dias. Assim mesmo, a folga vem pela metade. Para sair do trabalho meio expediente, Delma tem que estar na padaria às 6 horas da manhã e ficar lá até às 10 horas.

Os direitos trabalhistas também passam longe da Padaria Estoril. O patrão só agora assinou a carteira do trabalho da Delma depois de dois anos. Quando o patrão se dispôs a assinar a carteira, Delma lhe perguntou por seus direitos. A proposta foi de que a balconista recebesse Cr$ 5.300,00 como indenização por todos os seus direitos desses dois anos sem carteira assinada, incluindo férias e 13º salário. As balconistas ganham Cr$ 2.520,00 por mês — menos que o salário mínimo — tenham carteira assinada ou não. Mas de uma coisa o patrão não se esquece: desconta o INPS de todos, mesmo do pessoal que não tem carteira assinada.

O Sindicato dos Comerciários de São João de Meriti, o representante da categoria de Delma e suas companheiras, nunca se manifestou sobre o assunto. Nenhum representante sindical jamais se preocupou com o trabalho na Padaria Estoril.

Vida de gado, é o povo no roletão

Os roletões — esses instrumentos de humilhação e violência contra quem anda de ônibus — continuam sendo usados na Baixada Fluminense. A população protesta mas as autoridades encarregadas do assunto fazem vista grossa. Este diálogo, registrado pelo repórter Tonico Bico de Lacre, do Jornal da Baixada, num ônibus da empresá Santa Teresinha, na linha São João-Nilópolis, ilustra bem o problema:

Trocador: **Por quê não passa?**

Senhora: **Estou esperando meu filho passar (O filho de 4 anos tenta pasar por baixo dos famosos roletões).**

Um senhor, sentado no banco de trás: **Filho de pobre sofre desde pequeno. Filho de rico nunca sofre. Nem sabe o que é isso, só anda de carro e pra todo lugar que vai tem sempre alguém que leve.**

Outro senhor, sentado ao lado do cobrador: **O português, dono da empresa, coloca ferro embaixo e em cima da roleta como se quisesse dizer que "no meu ônibus só vai andar quem tem dinheiro". Como é desgraçada a vida da gente que é pobre.**

ARREBITE

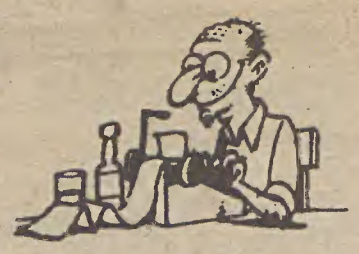
Pirelli não cumpre lei. Mata!

Os trabalhadores da multinacional FICAP — Fios e Cabos Pirelli, subsidiária da empresa italiana — estão se movimentando para melhorar suas condições de segurança no trabalho. Os operários, em sua maioria metalúrgicos, afirmam que a fábrica funciona sem nenhum dos requisitos de segurança exigidos pela lei.

A situação na FICAP é tão grave que nos últimos três meses pelo menos cinco operários foram acidentados pelas máquinas da fábrica. O último acidente, em janeiro, foi com Edson Correia de Oliveira. Ele sofreu fratura exposta e está ameaçado de ficar inutilizado para o trabalho.

A mobilização dos trabalhadores da FICAP — Fios e Cabos Pirelli — está se fortalecendo entre outras coisas porque os operários já sabem que a empresa estrageira está disposta a resistir, sem cumprir as leis do País no que se refere às condições de segurança e higiene do trabalho.

CHICO BÉ



COMO ERA DE SE ESPERAR, a equiparação salarial da FIAT, discutida e acertada entre funcionários e patrões na greve de julho de 79, saiu segundo os critérios patronais. Representantes da delegação sindical afirmam que, na verdade, o que saiu foi apenas uma espécie de arredondamento, mal intencionado e desonesto. Prevalecendo os critérios calhordas, sobre os quais já caí de pau na edição passada, foi feita a avaliação pelos chefetes em cima dos quatro itens básicos: Quantidade, Qualidade, Colaboração ou puxa-saquismo e Disciplina ou galho-dentro. É óbvio e descarado, que nenhuma avaliação feita por chefes, com o objetivo de correção salarial, vai medir sinceramente a capacidade de um trabalhador. Acabou acontecendo o que todo mundo esperava: o ponto básico da análise foi a tal da "colaboração", beneficiando, com isso, os afilhados puxa-sacos. Ficou uma lição da maior importância. Não há como confiar em patrão. Não há como negociar prazo em cima de reivindicação contra essa gente. Ou resolve os problemas no clima de greve, ou dança. Adiou, voltou a trabalhar confiando em promessa, cachimbo caiu, trabalhador levou ferro.

O SINDICATO DOS METALÚRGICOS já abriu processo na Justiça do Trabalho contra a IBT, Indústria de tubos, em Mesquita. O pessoal está trabalhando nos fornos, sem ganhar adicional de insalubridade. Tem muito trabalhador passando mal, porque é obrigado a fazer limpeza naqueles fornos infernais. Os operários da IBT pedem que a Delegacia Sindical de Nova Iguaçu, dê uma chegadinha lá, com urgência.

CACHORRADA TAMBÉM **está sendo feita com os operários que vão fazer testes para trabalharem na SIMEBRA, fábrica de móveis de aço, localizada na Via Dutra. O pessoal fica lá horas e horas fazendo peças, a título de teste, depois é reprovado sem receber um tostão pelo tempo que trabalhou ou pelo que produziu. Deus do céu, que safadeza! Além dessa aberração, os funcionários têm reclamado também das exigências da firma dos operários trabalharem sempre à noite, das 7 às 19,00 h, recebendo um pagamento miserável de Cr$ 50,00 (cinqüenta cruzeiros) por hora. Segundo os trabalhadores, a sensação que se tem dentro da fábrica é que se está num quartel, devido ao policiamento interno.**

DENUNCIEI NO número 5 do Job várias arbitrariedades cometidas pelas metalúrgicas SAUER e IMESA, contra os seus operários. Agora recebo a escandalosa notícia de que as duas melindrosas resolveram abrir falência, deixando centenas de trabalhadores desempregados. Dentro de alguns meses os proprietários estarão com fábricas novas, recebendo incentivo e parabenizações dos órgãos oficiais pela iniciativa. E virão novas picaretagens, novas safadezas, novas falências. Já vimos esse filme repetidas vezes.

A TWIN (**arreda capeta ianque!**), **renomada multinacional, localizada no Cajú, com filiais no mundo inteiro, dá-se ao luxo e ousadia de não pagar adicional noturno, nem descanso remunerado a nenhum trabalhador. Coloca anúncios nos jornais procurando escravos, anunciando que oferece condução, sem oferecer nem sequer jumentos para transportar os trabalhadores. A TWIN hospeda no seu quadro de chefetes um renomado picareta de nome Dari, mais conhecido como "Português". Já trabalhou na White Martins, deixando por lá vários prejudicados por suas delações e canalhices. O safado dorme durante todo o turno da noite. Quando acorda, vai imediatamente entregar os nomes dos trabalhadores que por acaso tiravam um cochilo quando ele acordou. O lanche do trabalhador é apenas um copo de café, sem nenhum complemento. Exploradores, tubarões, miseráveis!**

ESTOU APURANDO as denúncias contra DUMAR — Decorações e Instalações. Estou me informando direitinho quanto a essa história cavernosa de botar operário para trabalhar 15 horas por dia (das 7 às 22 horas). Vou verificar direitinho, depois vou cair de porrada. Seja nas páginas do JoB, no boteco da esquina ou no gabinete do Lúcifer. Tão pensando que sou palhaço?!